

## GRUPO IV

“Como o nevoeiro perante o sol, a ignorância some diante do conhecimento.”

O conhecimento é adquirido pela investigação ininterrupta. Todos deveriam estar constantemente engajados na investigação de *Brahman* (o Absoluto): a realidade do Eu, as mudanças que ocorrem com o indivíduo no nascimento e na morte, e outras questões semelhantes. Como se remove a casca que cobre o arroz, assim também a Ignorância que adere à mente tem que ser removida pela constante aplicação da abrasiva Investigação do Eu Divino (*ātmā*). Apenas quando se obtém o total conhecimento, é que a Libertação pode ser alcançada ou, em outras palavras, pode-se alcançar *mokṣa*. Depois de se conseguir o conhecimento do *ātmā* mencionado acima, a pessoa tem que seguir o caminho de *brahman* e agir de acordo com a Nova Sabedoria.

Todas as dúvidas que assolam a mente têm que ser resolvidas consultando aqueles que sabem, ou os mestres (*sadgurus*) que vocês tiverem a oportunidade de conhecer. Até conseguir se firmar no caminho mostrado pelo *guru* ou pelos *śāstras* (escrituras sagradas), a pessoa tem que obedecer as regras e instruções firmemente e estar em sua companhia ou estar associada a eles, de uma forma ou de outra. Pois é possível progredir muito rapidamente mantendo-se próximo do sábio que se conscientizou da Verdade. É necessário, com total renúncia e sincera dedicação, seguir as instruções do mestre ou dos *śāstras*; esta é a penitência (*tapas*) real; penitência que leva ao estágio mais alto.

Quando a ignorância e a ilusão que a acompanha, desaparecem, o *ātmā* em todos brilha com Seu próprio esplendor. Tudo o que vemos é como uma miragem, a superposição de uma imagem falsa sobre o Real e a confusão disto com aquilo. As coisas têm um início e um fim; elas evoluem e retrocedem, pois existe evolução bem como involução. Quando tudo é submetido à involução (*pralaya*) apenas *mūlaprakṛti* ou a Causa Original permanece. Apenas a Causa não manifesta sobrevive à dissolução universal. [Jñāna Vāhinī, págs. 5-6]

O *ātmā*, o Eu Interior, está separado dos cinco corpos ou envoltórios do indivíduo, os *pañcakośas*; ele brilha com Seu próprio esplendor; ele é a testemunha das ações e consequência dos três *guṇas* (qualidades da matéria); ele é impassível; é sagrado e puro; é eterno; é indivisível; manifesta a si mesmo; é Paz; ele não tem fim; é ele próprio a sabedoria. Este *ātmā* deve ser reconhecido como o próprio Eu. [Jñāna Vāhinī, pág 6]

Quando o sol levanta, tanto a escuridão como os problemas que surgem dela, desaparecem. Similarmente, para aqueles que se conscientizaram do *ātmā*, não existe mais qualquer escravidão, nem o sofrimento decorrente desse fardo. A ilusão acontece apenas com aqueles que esquecem sua orientação; o egoísmo é o maior responsável por fazer as pessoas esquecerem a Verdade fundamental.

*Mokṣa* (Libertação) é apenas outra palavra para independência, não depender de coisa ou pessoa externa. Se for gentilmente controlada e treinada, a mente pode levar a pessoa à Libertação. Ela precisa estar saturada do pensamento em Deus; isso ajudará na investigação da natureza da Realidade. [Jñāna Vāhinī, pág. 9]